OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India................	5$000	2$500	-$-	-$-

31.º Anno — XXXI Volume — N.º 1046

20 de Janeiro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

Os Vencedores do Cuamato

CAPITÃO JOSÉ AUGUSTO ALVES ROÇADAS, NO SEU REGRESSO A LISBOA

(Cliché Vasques)

Chronica Occidental

Raffles, o gatuno amador, Léon Jacob, o negociante de pedras preciosas, e o Sr. Ministro da Fazenda são os tres homens do dia. Meus caros senhores, tenham a bondade de se abotoar!

Não nos fiemos na esperteza do actor José Ricardo, que tão bem se mette no papel do detective Bedfort e melhor d'elle se sae; não nos fiemos tampouco no que possa haver de verdade na fuga de Léon Jacob, o qual começou por fazer acreditar á policia que a si proprio se degradava para Africa, e depois se escapuliu para logar mais commodo e menos atreito a febres. E quanto ao Sr. Ministro da Fazenda, a quem qualquer de nós se prestaria do melhor grado a servir de fiador, se porventura Sua Excellencia se encontrasse um dia na desagradavel situação de ser tomado por amigo do alheio, e só poder ser posto em liberdade sob fiança (o que, indubitavelmente, apenas poderia succeder por engano) o melhor de tudo, ainda assim, será cada qual pagar logo o augmento de contribuição que elle lhe pozér aos peitos. Nada de graças, nem de juros de móra!

Exclamarão os donos de predios que isto é bom de dizer, mas que quem tem de pagar mais agora são elles, e não nós, e que quem assim fala é porque não tem onde caír morto. Pois sim, e deixem. Deixem passar o praso para o pagamento voluntario á bôca dos cofres da recebedoria, dêem ouvidos ao *Dia* e ao *Correio da Noite* que, salvo o devido respeito pelas pessoas dos seus redactores, póde suppôr-se andarem combinados com a gente das decimas relaxadas para desnortear os senhorios — e digam-nos depois a quanto se lhes guinda a conta.

Fugir á policia, á judiciaria ou á preventiva, não é coisa tão difficil como até ha poucos dias se cuidava. A policia é optima, mas os seus ferrolhos é que não aferrolham convenientemente, e correm ao desejo de quem saiba azeitá-los com opportunidade. Fugir á execução fiscal é que ninguem fóge, que os ferrolhos são outros.

Não pagar os impostos e resistir pela força? Ora, pelo amor de Deus! A força passou de moda. O que se quer é geito. Que o diga o musculoso Ruy da Cunha, athleta português dos quatro costados, a quem Raku, por elle atirado ao ar como um bonéco, acaba por vencer na lucta desesperada.

Pela força armada? Noutros tempos, talvez; e não seria surpreza que até pegassem nas armas, ao lado dos senhorios, muitas senhorias, porventura da tempera da bella Brites d'Almeida.

Hoje, não. Todas as modernas tendencias são pelo desarmamento, e é precisamente á mulher que está cabendo a parte de maior acção no afan de o conseguir. Ainda na semana passada Lisboa viu partir do grupo de senhoras que constituem o Comité português da Associação do Desarmamento e da Paz a boa e dôce iniciativa da fundação de uma escóla pacifista que, dadas as conclusões a que se chegou na ultima conferencia da Haya, tanto poderá ser uma escola de dança, como uma escola de tiro — com polvora sêca.

Para o elogio da mulher portuguêsa, cuja corôa de amoravel gloria já se entretecia com os primeiros tempos da nossa historia, cada novo dia trás outros viridentes loiros com suas bagas d'oiro. Mulher d'armas ou mulher de paz, padeira de Aljubarrota ou cultora de bellas letras e conferente, por um formoso dom de decisão e de intelligencia ella se illustra sempre.

A portuguêsa dá razões de sobra a Paulain de la Barre, citado pela Sr.ª D. Maria Velleda na sua excellente conferencia de um d'estes dias sobre o papel da mulher educadora. Diz elle que as mulheres têm aptidões para tudo. Têm-nas as nossas, pelo menos.

Assim, quer a gente dizer o que maior gosto nos dá: se essa limpida e colorida facilidade com que a Sr.ª Condessa da Guarda interpreta Lacordaire na sua tradução da *Vida de S. Domingos*, o sonhador e o mistico; se a destresa arguciosa com que a actriz Lucinda Simões põe no movimento da scena toda uma infinidade de situações complicadas como são as do *Raffles*, — e é que não sabe dizê-lo. Tão gostosas são, embora de gostos tão differentes, ambas estas surprezas.

Só alguem em que a virtude, acompanhada de nobreza, realce tanto que passe a extremos de formosura, no dizer de Fr. Luiz de Sousa, poderia assim pôr deante dos nossos olhos, erguida em realidade, a imagem d'um tal santo. Quanto ás aventuras do gatuno amador, é verdadeiramente um encanto o que resulta, na scena do D. Amelia, da intelligencia com que Lucinda Simões as ensaiou. Tambem, só ella — ou a Giraldinha!

Por ora. Porque nisto, como no mais, tudo vae no começar. Vê-se o que a portuguêsa está dando na patinagem, e ha apenas dois ou trez dias que temos em Lisboa esse esporte da moda. Ella resvala já nos patins como deslisa nas valsas, com a mesma segurança e com a mesma graça. E, todavia, se ha transe em que mais facilmente debaixo dos pés se levantem os trabalhos, não conheço eu outro mais perigoso do que seja a patinagem. Pois nem por isso escasseiam as patinadoras na garage da Rua Alexandre Herculano, onde cae hoje toda a gente da nossa melhor sociedade. «Onde cae» é um modo de falar; escorregar não é caír.

O sr. Duque dos Abruzzos, com o seu Ajudante e ministro de Italia, em Lisboa

O que só nos falta é o gelo, para que a illusão dos paizes frios nos seja dada inteiramente. Do mais, temos tido tudo, desde os espessos nevoeiros ás singulares baixas do thermometro. Até tivémos a visita do Sr. Duque dos Abruzzos, cuja presença evoca necessariamente a lembrança do Polo Norte, e arrepia. O sonho de cada um de nós, neste momento, é ver-se involvido numa pelle bem quente, sentir-se acariciado por um bom calor, e pôr-se a olhar as patinadoras que passam: comtanto que a pelle não seja a dos coelhos de Villa Viçosa, nem o calor aquelle que elles apanham sempre que Portugal é visitado por algum principe.

Dada a frequencia com que estas visitas estão sendo repetidas, o ser hoje coelho no nosso paiz é quasi tão perigoso como o ser nelle contribuinte. Quando menos se espera, vem um tiro. Ainda ha-de vir tempo, e por este andar não longe, em que o Sr. Marquês de Soveral ha-de querer um coelho para guisar á caçadora, e o Sr. João Franco um contribuinte para lhe lançar mais um addicional — e não os hão de ter!

Alfredo Mesquita.

Os vencedores do Cuamato

De heroismos se tem formado esta nacionalidade desde sua origem. O condado de D. Henrique limitado e pobre gerou o primeiro português que havia de engrandecel-o e dilatal-o.

D. Affonso Henriques sonhou fazer um reino. Era de forte envergadura para a guerra e encontrou fortes que o seguiram á conquista de terras com que havia de formar esse reino.

Dos lusitanos vinha a raça que assim guerreava e resistia aos numerosos sarracenos, que então dominavam a Peninsula Iberica, mas D. Affonso Henriques com as suas ostes aguerridas, leva-os de vencida, e assim inicia a serie gloriosa de conquistas que seus sucessores continuaram, a alargar o pequenino reino de Portugal.

E' esta a primeira fase da nossa historia.

Outra epoca se lhe segue, não menos gloriosa, em que os portuguêses não teem que bater-se só com moiros, mas com castelhanos tambem. Surge então o Mestre de Aviz e com elle o grande Nuno Alvares Pereira. Em Aljubarrota como em Lisboa, produzem se os maiores heroismos para defender os já extensos territorios da patria, sagrados por tanto sangue de seus filhos.

A vitoria ainda é nossa e inicia-se uma nova epoca de continuadas glorias, qual foi a dos descobrimentos dos portuguêses «por mares nunca d'antes navegados».

A acção dos portuguêses, passou então dos limites da Peninsula e estendeu se ao mundo. Este pequeno povo assombrou as nações e abriu a era de uma nova civilisação com o esforço do seu braço, com a firmesá da sua vontade, com a resistencia da sua raça, lutando com gentes desconhecidas e climas inhospitos.

Devassou o Oriente, a Africa, a America e «se mais mundo houvera lá chegara».

Provara-se o valor do soldado e do marinheiro português. Chegou-se ao cume da gloria, qual foi esse seculo XVI que ainda hoje fulge com toda a grande luz que irradiou.

Um rei, então creança sonhadora desafortunada, sacrifica a flôr do seu exercito na aventura de Alcacer Kibir e ahi se perde e com elle a autonomia desta nacionalidade, que sofre o jugo estrangeiro de mais de meio seculo.

Sessenta annos de cativeiro não fizeram morrer no coração português o amor da sua independencia, e em Montijo, Montes Claros e Ameixial firma a independencia da patria cujo grito fôra levantado em Lisboa.

Foi longa a guerra, mas o soldado português resistiu a todas as vicissitudes e por fim cantou vitoria.

Pouco mais de um seculo decorrido, é novamente ameaçada esta nacionalidade e as ostes de Napoleão passam para áquem dos Pirineus e chegam até este extremo da Peninsula.

Vinham orgulhosos os francos porque haviam avassalado o mundo, caminhando sempre de triunfo em triunfo, mas não contavam com o soldado português, que aliado ao inglês na defesa da causa commum, lhes havia de empanar a boa estrela que até ali os havia guiado á vitoria, infringindo-lhe a primeira derrota, que lhes surgio como um fantasma nos alcantilados serros do Bussaco.

Retoma de novo a patria sua independencia, e independente ficou até nossos dias.

Nos ultimos annos levanta-se a questão colonial. As nações disputam a posse de territorios em Africa para alargamento da expanção comercial. O grandioso imperio ultramarino português tem sido retalhado para satisfazer em parte ás necessidades da civilisação, mas é ainda enorme o que resta, para desenvolver e civilisar.

Novo problema se impõe a resolver, dentro dos minguados recursos do nosso tesouro. Torna-se preciso delimitar e ocupar efetivamente esse enorme imperio onde nem todos os povos aceitão de bom grado a civilisação a que se querem chamar, e dificultam as relações e o comercio.

A primeira coisa que se impunha era conhecer topograficamente grande parte dos nossos dominios ultramarinos, empreender obras de arte, delimitar rios, sondar-lhe a profundidade e seguir-lhes as correntes. Não falta quem se distinga nestes trabalhos, e ficaram memoraveis as expedições de obras publicas e as viagens de exploração.

Serpa Pinto distingue-se nessas explorações e os seus trabalhos dão-lhe fama no país e tornam seu nome conhecido em toda a Europa, que os aprecia devidamente. Capelo e Ivens atravessam o continente negro de costa a costa e publicam o resultado de suas viagens que é tradusido em inglês e cujas indicações são largamente aproveitadas. Antonio Cardoso, Augusto Cardoso, Victor Cordon e quantos mais notabilisaram-se com os seus trabalhos em Africa e todos concorrem para tornar bem conhecido aquelle país, e nelle realisam importantes obras publicas iniciadoras das que se tem seguido.

Entretanto, vem as insurreções dos indigenas.

Os recursos monetarios são poucos como pouco numerosos são os homens para irem defrontar-se com tantos milhares de inimigos. Não importa. O coração é grande e maior o animo, como fôra sempre, e nova era de guerras coloniaes vem agora para assegurar nossos dominios e fazel-os entrar no concerto geral da civilisação.

Surgem os Mousinhos de Albuquerque, os Galhardos, os Roçadas e quantos mais que conduzem seus soldados á vitoria, ora dominando os temiveis Vatuas, ora pacificando na India os poderosos Ranes, ora submetendo os indomitos Na-

marraes, ora levando de vencida os aguerridos e orgulhosos Cuamatas e Dembos.

E vae em vinte annos que estas guerras se vão ferindo, e o soldado português provando a sua inegualavel resistencia. Quantos mais sacrificios lhe serão ainda pedidos?!

E' esta, a ligeiros traços geraes, a sua historia, a historia desta patria.

* * *

Da gloriosa campanha dos Cuamatas já aqui nos temos occupado por mais de uma vez, desde a partida dos expedicionarios até o seu regresso.

Essa campanha foi relativamente curta para os resultados obtidos e nisso está seu maior elogio, porque se prova quanto foi calculada pelo seu commandante o benemerito capitão Roçadas, que prudente e sob as melhores regras da arte da guerra a planeou e poz em pratica, encontrando cooperadores decididos nos oficiaes que o acompanharam como nos soldados disciplinados e corajosos, prontos a baterem-se.

Não foi uma aventura, foi um plano executado com felicidade.

E' isto que se impõe e que encheu de admiração o mundo que anda interessado n'estas questões.

Pouco mais de 1:000 combatentes venceram 20:000 negros, dos quaes 7:000 bem armados com espingardas modernas. Nesta campanha a cavalaria obrou prodigios de valor, defendendo a infanteria, fortemente apertada pelo inimigo, e tendo de se internar pelos matos e varrer a cargas decididas os Cuamatas até polos fóra de combate.

O 2.º esquadrão de cavalaria, organisado expressamente para esta campanha, foi formado com cavalos adquiridos em Buenos Ayres pelo tenente sr. Martins de Lima e ensinados pelos oficiaes do esquadrão, dando otimo resultado.

Nas baterias de artilharia empregaram-se canhões Ehrhardt e Canet de 7 c/m.

Nesta campanha se levantaram trincheiras de terra feitas por um novo processo, invenção do sr. capitão Roçadas, consistindo em sacos cheios na ocasião e de que cada soldado levava quatro, vasios, enchendo-os rapidamente, para o que levavam pás. Deste modo os soldados da segunda fila levantavam as trincheiras emquanto os da primeira faziam frente ao inimigo e depois todos se abrigavam do fogo, com o que se evitava maior numero de baixas, sem deixar de continurem a combater.

Ao cabo da campanha os vencidos foram generosamente tratados, o que muito deve concorrer para aumentar naquelles povos o respeito pelas nossas armas e o prestigio do nome português.

Alem dos postos militares ou fortes que ficaram estabelecidos, como noutros artigos o OCCIDENTE se referiu, ficaram tambem estabelecidos 50 kilometros de linha telegraphica e 50 de telefone, entre o Cuamato Grande a Dunquene e dali ao Humbe. Outros meios de communicação se vão estabelecendo, mas muito ha a fazer para desbravar caminhos e facilitar as relações para o comercio.

Bem merecem da patria os que assim concorrem para os seus progressos e engrandecimentos, por isso os vencedores do Cuamato foram recebidos com esse entusiasmo que não esmorece e se traduz nas manifestações de aplauso e de gratidão que por todo o país os acolhe.

Os Vencedores do Cuamato no Porto

A cidade invicta, em cuja historia regista tantos heroismos, recebeu condignamente os vencedores do Cuamato, fazendo-lhe a mais festiva recepção que se tem realisado na capital do norte.

Principiando pelo *Té Deum*, cantado na egreja da Lapa, que teve a imponencia das grandes solemnidades religiosas, e que foi precedido de um discurso pronunciado pelo rev. Martins de Almeida, primorosa oração, em que tanto vibrou o sentimento patriotico, como o religioso, ouvida pelo mais distinto auditorio, todas as festas oferecidas aos valorosos expedicionarios, foram como que uma marcha triunfal de quem, como elles, voltavam da vitoria.

O Club dos Girondinos, no Palacio de Cristal, celebrou uma sessão solemne em honra dos expedicionarios. A grande nave, que comporta mais de dose mil pessoas, encheu-se literalmente com o que de mais distincto ha na sociedade portuense.

Presidio ao festival o rev. Bispo D. Antonio Barroso. Côros das creanças de asilos do Porto soltaram seu cantico suave que ressoou pela nave como um côro angelico, entrecalado por bélos compassos de musica da guarda municipal. Recitaram se poesias e discursos em que se destacou o primoroso orador sr. dr. Campos Monteiro, e por fim foi oferecido ao sr. capitão Roçadas, como lembrança do Club, uma linda taça de prata lavrada, primorosa obra de arte da ourivesaria portuense.

Não se descreve o entusiasmo que animou todo este festival.

Outra sessão solemne se realisou no Centro Comercial a que assistiram os expedicionarios, a qual foi mais um triunfo e a que presidio ainda o rev. Bispo do Porto. Varios discursos foram pronunciados, sendo oradores os srs. Cervães y Rodrigues, Antonio José de Macedo e rev. padre Patricio, encerrando a sessão o rev. D. Antonio Barroso com palavras de verdadeiro patriotismo e unção religiosa, que arrebataram o auditorio.

O baile no Club Portuense em honra de Roçadas e dos valentes oficiaes expedicionarios, foi dos mais brilhantes e faustosos que se tem dado naquella assembleia.

A conferencia do sr. capitão Roçadas, no Centro Comercial, foi extraordinariamente concorrida, pois todos desejavam ouvir da bôca do valente militar a historia da campanha, assim como a descrição do país. De uma e outra cousa falou, como da parte economica, e as suas palavras foram cobertas de estrepitosos aplausos, deixando suas revelações funda impressão no auditorio.

Foi tambem festa cativante o banquete oferecido pela oficialidade do Porto aos seus camaradas da campanha do Cuamato. Teve seu caracter intimo, fraternal e sincero, em que a alma se espandio e o coração se interneceu, marcando por isso uma das festas que mais agradaveis seriam aos bravos militares.

No Club dos Fenianos, onde os expedicionarios foram recebidos com calorosas ovações e lhes foi oferecida uma delicada taça de champagne, o heroe do Cuamato assistio da janella ás mais ruidosas aclamações do povo que enchia a praça em frente do Club.

A recita de gala no teatro de S. João deu logar a mais e maiores manifestações da sociedade portuense aos vencedores do Cuamato, e por toda a cidade, durante o tempo em que os expedicionarios ali estiveram, se notou a alegria da população que não se fartava de os aclamar sempre que elles transitaram pelas ruas.

Com esse enthusiasmo os acompanhou até á estação do caminho de ferro, quando seguiram para Braga, onde foram recebidos com não menores demonstrações festivas.

A Camara Municipal do Porto ofereceu ao sr. Capitão Roçadas uma graciosa estatueta representando a Victoria. E' um verdadeiro primor artistico em que tanto se distingue a arte da esculptura como a ourivesaria portuguêsa, e que sahiu dos ateliers dos reputados joalheiros portuenses srs. Reis, Filhos. A estatueta é de fino marmore, com aplicações de metaes. A espada que a figura empunha tem a lamina de prata e os copos de oiro. Veste cota de malha de prata refulgente e sobre o peito o escudo das armas portuguêsas de bronse doirado. Aos pés jazem varias armas gentilicas quebradas, e faz base á figura um rochedo, em que pousa uma aguia em bronse com as azas abatidas, segurando numa das garras uma corôa de louros, tambem em bronse. Inferiormente, em uma placa, lê-se a seguinte inscrição:

A José Augusto Alves Roçadas, commandante da expedição contra os cuamatas — Homenagem dos vereadores da Camara Municipal do Porto — 5 de janeiro 1908.

A VITORIA

ESTATUETA EM MARMORE COM APLICAÇÕES DE OIRO, PRATA E BRONSE OFERECIDA PELA CAMARA MUNICIPAL DO PORTO AO CAPITÃO ROÇADAS

Obra executada pelos joalheiros portuenses sr. Reis, Filhos

OS VENCEDORES DO CUAMATO

Em pé — A. Martha, 2.º tenente de marinha — Montes Martins, tenente de infanteria — Oliveira Freitas, alferes da administração militar — José Costa, alferes de cavalaria — Costa Rego, 2.º tenente de marinha — Alvaro Penalva, 2.º tenente de marinha — F. Beirão, tenente de infanteria
Germano Dias, tenente de infanteria, ajudante de Roçadas — Francisco Gonçalves, tenente almoxarife — Borges Bicudo, alferes de infanteria

Sentados — Rodrigues Montes, comandante do grupo de esquadrões — Victor Sepulveda, 1.º tenente de marinha — Capitão Roçadas, comandante da columna — Jorge Mascarenhas, tenente, sub-chefe do Estado Maior — F. Pimentel, capitão, comandante da companhia de infanteria 12

GRUPO DOS OFICIAES EXPEDICIONARIOS, NO REGRESSO A LISBOA

(Cliché Bobone)

FERNANDO LEAL

Companheiro de João de Deus, de Gomes Leal, vivendo na adoração de Hugo, de que no seu livro — *Reflexos e Penumbras* — transpoz para bello verso portuguez paginas da *Lenda dos Seculos*, Fernando Leal desappareceu de repente e é um nome quasi desconhecido pela nova geração litteraria, que tem hoje outros ideaes e outros cultos.

Adormecera na morna quietação dos palmares, ao canto das aves de plumagem de ouro, sonhando visões mysticas, resvalando para a ancianidade aryca, e fizera-se esquecer até d'aquelles que outr'ora, nos dias ardentes da mocidade, arrastava no enthusiasmo da sua exaltação sonora e inspirada.

Mas lá da India, para onde partira ha tantos annos, chegam novos ecos da sua lyra, um despertar de poeta, que vae dar á publicidade o seu livro de sonetos.

D'esses sonetos foi-me enviado um consagrado ao meu querido mestre Silva Porto, que aqui publico prestando ao mesmo tempo homenagem ao grande artista sempre chorado, e trazendo á lembrança dos que o tenham esquecido o nome de Fernando Leal, o velho amigo, o poeta ardente da liberdade e do amor.

Ribeiro Arthur.

SILVA PORTO

Que tristeza no seu olhar tão dôce!
Pintor genial e paizagista emerito,
Nunca se viu um homem de mais merito.
E mais modesto, qual se ninguem fôsse.

As suas paizagens vivem, sentem.
Os ceus docemente nos embalam.
As suas tintas fallam bem, não mentem,
Suas vaccas e ovelhas mugem, balam.

Homem sereno, elle pintar podia
A natureza. Era sem alegria.
Que melancólica e sombria sorte!

Mostrava tal predileção pelo povo!
Que tristeza este bom morrer tão novo!
Sua tristeza advinhava a morte.

Fernando Leal.

(Do livro *Sonetos*, no prelo em Gôa.)

CHAUCER

O conto do fidalgo da aldeia

PROLOGO

Havia entre os romeiros de S. Thomaz de Canterbury um fidalgo que tinha a barba branca como as boninas e a de côr sanguinea e logo de manhã gostava d'uma sopa de vinho.

Em sua casa havia sempre carne bem cosinhada, carne e peixe, e isto em tanta abundancia que parece que ali tinha chovido comida e bebida e todas as mais delicadas iguarias que um homem pode pensar.

Segundo as estações do anno elle variava as suas refeições, e a sua meza estava sempre bem provida e promptamente fornecida todo o dia.

Era o mais hospitaleiro dos homens e prompto a fazer bem. A sua porta estava sempre aberta para qualquer que quizesse entrar e comer.

Elle tinha sido muitas vezes *sheriff* e membro do parlamento e era muito bem conceituado. Trazia á cinta um punhal e um bolso de caça feito de seda e branco como leite.

I

Na Armorica, chamada Bretanha, havia um cavalleiro que amava uma dama e se esforçava por agradar-lhe da melhor maneira e muitos trabalhos e muitas emprezas elle precisou executar antes de a ganhar, porque mais bella que ella não havia nenhuma debaixo do sol e era de tão alta linhagem que este cavalleiro difficilmente se atrevia a dizer-lhe a sua paixão, a sua dôr, a sua desgraça.

Por fim ella em vista da sua dignidade e especialmente pela sua suave acquiescencia, teve tão grande dó dos seus soffrimentos que secretamente concordou com elle em o tomar para seu marido e senhor — d'aquelle dominio que os homens teem sobre suas mulheres.

E para poderem viver mais ditosos, elle de livre vontade lhe jurou, como cavalleiro, que nunca nem de dia nem de noite elle tomaria algum dominio contra a vontade d'ella; nem elle nunca se mostraria cioso para com ella, mas obedecer-lhe-ia e em todas as cousas seguiria a vontade d'ella, como qualquer amante faria á sua senhora, mas que por excepção, para evitar vergonha á sua classe de cavalleiro, elle teria o nome de soberano.

Ella agradeceu lhe e disse: desde que por generosidade me promette deixar uma redea tão larga, oxalá que nunca entre nós, por culpa minha, haja guerra ou lucta.

Senhor, eu serei uma humilde e leal esposa, terei n'isto a minha honra, até que o meu coração arrebente. Assim elles estejam em tranquilidade e descanço. Uma cousa, senhores, posso eu dizer seguramente, e é que os amigos, quando sustentam longa amisade, assim devem obedecer um ao outro. O amor não ha-de ser constrangido pelo dominio; quando o dominio vem, então o amor bate as azas e adeus, lá vae elle, pois elle é como um espirito e tão livre como elle. As mulheres por natureza desejam liberdade e não querem viver como em captiveiro e para dizer a verdade tambem os homens. Olhae, aquelle que mais condescende por amor está acima de tudo para vantagem sua.

A paciencia é uma grande virtude, porque ella vence, como dizem os entendidos, cousas que o rigor nunca poderia alcançar. Não se ha-de ralhar ou reprehender por qualquer palavra. Aprendei a soffrer, ou então, eu não esteja aqui, vós aprendereis com vontade ou sem ella Porque no mundo não ha ninguem, que não falle ou proceda erradamente ás vezes. A ira, a doença, as companhias, o vinho, qualquer enfado, ou mudança de caracter, tudo faz andar ou fallar erradamente ás vezes, mas a gente não se deve affligir por qualquer cousa.

Conforme a occasião, cada um deve ser moderado e possuir-se senhor de si mesmo. E por isso este prudente e digno cavalleiro prometteu con descendencia para viver em paz. E ella começou a jurar-lhe que nunca haveria falta n'ella.

Aqui podemos ver um humilde e sabio accordo, assim ella o tomou como servo e senhor, servo no amor e senhor no casamento. Então vivia elle em dominio e escravidão?

Escravidão! não, mas com dominio acima de tudo, desde que elle possuia a sua senhora e o seu amor, a sua senhora certamente e a sua esposa tambem, aquella que é fiel á lei do amor. E quando elle estava no auge da prosperidade lá vae com sua mulher para a sua terra, não longe de Penmark, pois ali foi a sua habitação emquanto viveu com felicidade e conforto. Quem diria (não fosse elle casado) a alegria, a satisfação e a prosperidade, que ha entre mulher e marido? Esta feliz vida dura um anno e mais, até que o cavalleiro de que fallo, que se chamava Avirago, preparava-se para ir viver um anno ou dois na Inglaterra, que tambem se chamava Bretanha, para procurar honras pelas armas, (porque todo o seu prazer estava em taes acções) e ali viveu dois annos, assim diz o livro. Agora deixarei este Avirago e fallarei da sua mulher.

Dorigena que amava seu marido como a vida do seu coração, que chorava e suspirava pela sua ausencia, como estas nobres esposas, quando lhes apraz; ella entristecia-se, accordava, lamentava-se, não comia, e queixava se. O desejo da sua presença de tal forma se apoderava d'ella, que pôz em nada todo este largo mundo,

Os seus amigos que conheciam os seus tristes pensamentos, confortavam-na em tudo o que podiam, prégavam-lhe, diziam-lhe noite e dia que acabava comsigo sem um motivo. Dirigem-lhe todos os confortos possiveis, e empregavam toda a sua actividade para lhe fazer deixar aquelle peso. Como os senhores sabem, a gente com o andar do tempo pode gravar uma pedra até que uma figura ali fica impressa; tanto tempo a confortaram, que ella pela esperança e pela razão, recebeu a impressão d'aquelle allivio, pelo qual a sua grande tristeza começou a diminuir, pois ella não podia viver sempre em tal desgosto.

Avirago, tambem com todo o cuidado mandava cartas para casa ácerca da sua sorte e que brevemente viria, aliás teria esta tristeza matado o seu coração. Os seus amigos viam que a sua coragem lhe afrouxava e de joelhos lhe pediam por amor de Deus, que viesse passear em sua companhia, para lhe expulsar negros pensamentos.

Por fim ella accedeu áquelle pedido, porque via que era para bem.

Ora o seu castello era ao pé do mar, e muitas vezes sahia com os amigos, e muitas vezes a si mesmo dizia: Não haverá um navio d'entre tantos que vejo, que me traga o meu senhor para casa? Então o meu coração ficaria curado de todas as suas maguas. Outras vezes assentava se e pensava, lançava a vista lá para baixo desde a borda e, quando via as escuras rochas, o seu coração tremia de medo, de que não pudesse sustentar-se nos seus pés. Sentava-se então sobre a relva e olhava tristemente para o mar e dizia mesmo assim com suspiros de tristeza: «Eterno Deus, que pela tua providencia diriges com governo este mundo, e que, como os homens dizem, nada fazes em vão; Senhor, estas rochas negras que antes são a confusão dos marinheiros do que alguma bella creação d'um Deus tão sabio e tão perfeito porque fizeste esta obra insensata?

Porque por esta obra nem no norte, nem no sul, nem no oriente, nem no occidente é alimentado algum homem, alguma ave, algum outro animal e, que eu saiba, não faz bem nenhum e só incommoda. Não vês, Senhor, como ellas arruinam tantos homens? Estas rochas têem mattado centenas de milhares d'homens, nem é possivel lembrar de todos e todos elles são uma parte da tua obra, que tu fizeste com a tua propria mão.

Parece pois que tiveste grande amor pelos homens, e então como pode ser que tu prepares taes meios de os destruir, meios que não fazem bem e só incommodam?

Eu sei que os sabios fallam com argumentos, como lhes apraz, e dizem que tudo é para bem, ainda que eu não saiba a causa. Mas aquelle Deus que fez soprar o vento, defenda o meu marido, esta é a minha conclusão. Deixo os argumentos aos sabios e digo que oxalá estas rochas negras fossem lançadas no inferno por causa do meu marido. Estas rochas mattam-me de mêdo» assim dizia ella com muitas lagrimas. Os seus amigos viam que passear á beira mar não era distracção mas tristeza para ella e assim resolveram ir para outra parte e então levam-na ao longo dos rios e ao pé das fontes e outros lugares deleitosos. Dançam, jogam o xadrez e o gamão.

(Continúa.)

Miguel José Rodrigues.

A VELHA LISBOA

(Memorias de um bairro)

CAPITULO XIII

SUMARIO

Alberga-se no edificio da Escola Politechnica a brigada da artilharia — Tentativas frustradas do aluguel da cêrca — Varios decretos — O incendio de 1843 — Actos de heroismo praticados no salvamento das preciosidades que o edificio continha — Rara coragem do incansavel José Valentim — Os seus apontamentos sobre a igreja — Arrecadação dos salvados — A mensagem ao almirante da esquadra francêsa pelos serviços prestados pelos marinheiros — O benemerito Tiágo do Valle — Pensa-se na construção do edificio — Apparecem varios alvitres — O artigo de Castilho na *Revista Universal Lisbonense* — Viva discussão — E' acceita a ideia do Mestre — A estatua do Libertador — Como se albergaram as aulas depois do incendio — O risco da escola — Contrae o governo dois emprestimos para a construção do edificio projectado — Novas fontes de receita — O Museo da Ajuda á mercê de Junot — Expoliação indigna — Sua transferencia para a Academia — Prejuizos ocasionados pela remoção — Instala-se definitivamente na Politechnica — Donativos régios — Diferentes providencias do estado para abastecimento do museu — Um anuncio da Gazeta — O observatorio meteorológico infante D. Luiz e o observatorio astronomico — Sua creação e manutenção — Um rasgo generoso de D. Luis — O jardim botanico da Politechnica — Quem foram os seus creadores — O jardim da Ajuda — Vandeli e Brotero — Curioso incidente parlamentar — Uma quintilha de Thomás Pinto — O velho e o novo edificio — Onde se depára ao autor o retrato de Fernão Telles de Menêses.

Conscio de que o leitor me perdoará a longa divagação a que fui obrigado no capitulo antecedente, vou de novo entrar no assumpto interrompido.

A primeira noticia que se me oferece dar, depois da creação da Escola Politechnica, é a do aluguel feito á brigada de artilharia de uma das dependencias do edificio, em 1834. Cita ocasionalmente este facto a já aludida obra de José Silvestre Ribeiro.

Em 1838 torna a direção da nova casa de ensino a pensar em alugar a cêrca e manda anun-

cio para o *Diario do Governo*, que saiu no n.º 196, de 20 de agosto desse anno.

No dia 22 do mesmo mês, vem outro anuncio, rezando assim:

«No dia 22 de agosto do corrente anno pelas «quatro horas da tarde, na secretaria da Escola «Politechnica, no extinto edificio do Colegio dos «Nobres, se hade arrendar por trez annos a quem «mais dér, e segundo as condições que serão pre- «sentes nessa ocasião a cêrca que tem entrada «pela rua Nova da Alegria e se compõe de terras «e arvores de fruto, parreiras e latadas. Quem a «pretender a poderá ir ver e comparecer no dito «local no dia acima designado.» (1)

Parece que não apareceram compradores ou se apareceram não chegaram a acôrdo com a direção da Escola, porquanto no anno seguinte aparece ainda outro anuncio no *Diario* n.º 230 de 17 de setembro. (2)

Ou o preço era excessivo ou as condições do aluguel pouco tentadoras. A cêrca ficou por alugar.

*

No dia seguinte áquelle em que saiu o decreto creando a Escola Politechnica, foi nomeada uma comissão encarregada de auxiliar, nos primeiros trabalhos de organisação, o director daquelle estabelecimento de ensino.

Compoz-se essa comissão dos seguintes membros: João Cordeiro Feio (decano da Academia de Marinha), Fortunato José Barreiros (lente da Academia de Fortificação, artilharia e desenho), dr. Guilherme Dias Pegado (lente do Real Colegio Militar) e Antonio Cabral de Sá Nogueira (provedor da Casa da Moéda).

Varios outros decretos se promulgáram sem maior importancia: o de 16 de janeiro dando aos lentes militares da Escola Politechnica consideração igual á dos lentes da do Exercito, que funcionava conjuntamente no mesmo edificio; o decreto de 28 do mesmo mês fazendo varias nomeações de lentes e outras disposições de carater puramente interno.

Começaram então funcionando as aulas, com toda a regularidade, até o meado de abril do anno de 1843.

No dia 22 desse mês uma espantosa catástrofe interrompeu bruscamente essa quietação. Um incendio pavoroso destruiu completamente o velho edificio.

*

Foi das três para as quatro horas da tarde que a primeira labareda ateada nos fórros do angulo direito, ao fundo do edificio, poz em sobresalto os habitantes do bairro. As primeiras pessoas a acudir foram os empregados da Imprensa Nacional, mesmo antes que as torres tocassem a rebate furiosamente pondo em alarme toda a população de Lisboa.

A situação da Escola permitia que de quasi todos os pontos da cidade se avistasse o trágico clarão que avermelhava o ceu. Correu logo de bôca em bôca a noticia do sinistro. Pouco depois principiaram chegando as bombas, os bombeiros e inumeráveis voluntários, militares, lentes, deputados, estudantes, operarios, todas as classes sociaes emfim, conjugadas e reunidas sob a mesma benemerita ideia.

Como o vento estava nordéste o fogo lavrou rapidamente, pondo não só em risco o edificio da Escola como tambem os predios contiguos.

Emquanto durou o incendio obraram se verdadeiros actos de heroismo. Entre os feridos estava José Feleciano de Castilho Barreto (3). Três dos marinheiros francêses, pertencentes a uma esquadra surta no Tejo, e que tinham acorrido imediatamente ao local do incendio, achavam-se igualmente maltratados pelas muitas queimaduras de que sofriam. Estes corajosos francêses ajudáram a salvar, com uma rára coragem, muitas das preciosidades que se guardavam no antigo colégio dos nobres.

El-rei D. Fernando compareceu tambem junto do edificio incendiado.

Ao cabo de cinco longas horas, da fundação dos Jesuitas, da sumptuosa casa, construida pela generosidade de Fernão Telles de Menêses, restavam apenas firmes as paredes enegrecidas cingindo um monte de destroços calcinados. O templo foi o ultimo que veio a terra.

O incançavel José Valentim foi um dos salvadores das alfaias e imagens da igreja e, emquanto afadigado as ia transportando para a rua, tomava apontamentos preciosos para a historia, do que ia vendo. Quando correu a voz de que o tecto abatia, todos fugiram. Todos, não! José Valentim e uma sentinella da guarda municipal ficaram. Olharam para a abobada e não viram sinal de ruina. Continuaram no seu trabalho de salvamento, ao tempo que os fugitivos voltavam á faina.

Ainda se conseguiram salvar alguns paineis da capela mór e parte das teias.

Vendo a impossibilidade de fazer outros salvamentos por falta de escadas, José Valentim penetrou no edificio ao tempo que Francisco Cassassa, oficial da Biblioteca Publica, e outros salvaram os armarios da livraria. De ahi voltou á igreja, porque não conhecia a disposição interior da Escola, e vendo a inutilidade dos seus esforços, veio finalmente para a rua. Era tempo. Pouco depois o tecto abatia estrondosamente. (1)

Todas as alfaias e imagens e mais objectos de culto escapas do incendio foram recolhidas na Imprensa Nacional, onde tambem se arrecadaram objetos de estudo, os livros e as riquissimas coleções de zoologia, botanica e historia natural.

(Continúa.)

G. DE MATOS SEQUEIRA.

(1) Anuncio n.º 8.
(2) Anuncio n.º 12.
(3) Lisboa Antiga de J. de Castilho — Volume 5.º

(1) Lisboa Antiga de J. de Castilho — Vol. 5.º.

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro 1907

Barometro — Maxima 773mm,4 em 7.
» Minima 750mm,3 em 27.
Thermometro — Maxima 17º,0 em 17.
» Minima 7º,6 em 29.

Foi um dos mezes de dezembro, que apresentou média mais elevada de temperatura. A maior média de 15,45 em 5, é superior a todas as de novembro.

Chuva 122mm,8 em 22 dias.
Vento dominante — SW.
Nebulosidade. — Ceu limpo ou pouco nublado 2 dias.
» Nublado 23 dias
» Encoberto 6 dias.
Relampagos — Em 1.
Trovões — Em 1.
Trovoadas — Em 20 e 30.

Anno de 1907

RESUMO

Temperatura mais elevada 36,3 em agosto
» » baixa 1,6 em fevereiro
Chuva total 870mm,8 em 121 dias.
Céu limpo ou pouco nublado 155 dias
» nublado .... 181 »
» encoberto .... 29 «
Dias de nevoeiro .... 18 »
» relampagos .... 8 »
» trovões .... 4 »
» trovoada .... 8 »
» graniso .... 7 »

NECROLOGIA

Roberto Augusto da Costa Campos

A 19 de dezembro do anno findo faleceu em Lisboa, Roberto Augusto da Costa Campos, dirétor geral da Torre do Tombo e que largamente concorreu para enriquecer aquelle archivo nacional com valiosos documentos, paciente e inteligentemente procurados e coligidos no pais.

Foi assim que Roberto Campos prestou relevantes serviços nas investigações da historia patria, e que o digam quantos se tem entregado a esses trabalhos, desde Alexandre Herculano, que muito aproveitou com os achados e indicações do falecido, para a sua *Historia de Portugal*.

Roberto Campos e os dois irmãos Bastos, dos quaes só existe um dos ultimos, foram incansaveis na organisação da Torre do Tombo, facilitando, com o profundo conhecimento daquelle archivo, os estudos historicos de muitos dos nossos homens de lettras, principalmente dos antigos, pois os da geração moderna poucos se entregam a essa ordem de trabalhos.

E' certo que Roberto Campos não deixou um livro da sua lavra, mas para quantos livros elle forneceu valiosos subsidios, dedicadamente procurados e encontrados pelo seu genio investigador, nos longos annos a que presidio ao Archivo da Torre do Tombo.

Roberto Campos era natural da ilha da Madeira. De constituição robusta assim no fisico como no moral, seu trato afavel e despretensioso a todos cativava.

Nunca quiz aceitar destinções oficiaes que por varias vezes lhe foram oferecidas com bom fundamento, conservando se recolhido na sua modestia, completamente alheio ás ostentações do mundo.

Será isto mais um titulo á veneração dos homens, como tantos outros elle tinha á gratidão da patria, pelo muito que trabalhou para desvendar muitos factos obscuros, ou ignorados da sua historia.

Aqui fica nossa modesta homenagem á sua memoria, archivando nestas paginas seu retrato com as breves linhas que lhe juntamos, expressão sincera de nosso sentimento.

Eduardo Costa

No meio da industria portuguêsa ocupava Eduardo Costa um dos primeiros logares como industrial ativo e inteligente, que professava o culto da industria nacional, por que se esforçou toda a sua vida.

Póde dizer-se que elle creou entre nós essa industria das bolachas, que hoje todos apreciam pela sua finura e perfeição, e que ha cerca de quarenta annos era apenas rudimentar em Portugal, havendo que importar aquele genero de Inglaterra, para satisfazer as exigencias do consumo.

Hoje tudo é bem diferente neste ramo industrial. A bolacha fina ingleza entra por uma insignificante parcela no consumo, porque a nacional satisfaz plenamente aos mais exigentes, e o país escusa de importar do estrangeiro o que tem de casa.

Para chegar a este resultado é que Eduardo Costa trabalhou com vontade e inteligencia, desde 1870, em que estabeleceu a sua fabrica, não descansando nunca em a fazer progredir, levando a ao ponto em que se encontra, sendo de todas as fabricas portuguêsas deste genero a que mais se destingue pela selecção dos seus produtos.

No meio do seu espirito industrial Eduardo Costa destinguia-se por seu fino gosto artistico, pela forma como apresentava ao publico os produtos da sua fabrica em latas revestidas de lindos rotolos, com que muito animava a industria dos cromos, assim como com os calendarios que todos os annos destribuia a seus clientes, e para os quaes escolhia sempre assuntos da historia patria, como patriota que era, sendo esses calendarios executados por artistas de reconhecido merito.

Não olhava a despesas para vêr satisfeitos os seus ideiaes, e deste modo realisou progressos que muito o honraram como hoje honram a sua memoria.

A sua fabrica da Pampulha era um centro de trabalho onde dezenas de braços e familias ganhavam a subsistencia, que continuarão a ganhar, porque Eduardo Costa deixou a sua fabrica num pé de atividade e progresso que não recuará, agora entregue a seu irmão o sr. Ignacio Costa, digno continuador do inteligente industrial.

Eduardo Costa faleceu no dia 19 de dezembro e tinha 64 annos.

Foi um dos fundadores e por muitos annos diretor do teatro Taborda, da Costa do Castello; era socio da Sociedade de Geografia e socio benemerito de muitas sociedades e instituições de beneficencia, das quaes se lembrou em seu testamento deixando-lhe legados e entre ellas a do Albergue das Creanças Abandonadas, de que era um dos diretores.

Manuel Gonsalves Vivas

Toda a imprensa de Lisboa pranteou com as mais sentidas phrases a morte d'esse prestante e acerrimo pugnador do movimento associativo que se chamou Manuel Gonsalves Vivas. A sua actividade era de tal ordem que chegou a exercer ao mesmo tempo o logar de secretario d'um avultado numero de associações e tão reconhecida era a sua competencia que o seu nome era sempre indicado para semelhante cargo em todas as collectividades de que fazia parte. Isso valeu-lhe a picaresca denominação de «secretario de todas as associações presentes, passadas e futuras». E, para elucidação dos leitores que desconheçam a constituição d'essas sociedades, é bom

Roberto A. da Costa Campos

frisar que da maioria d'ellas faziam parte os mais illustres homens que teem passado pela politica, pela finança e pela litteratura, os quaes muito se honravam em confraternisar com Gonsalves Vivas.

Mas o que mais honra a sua memoria é que as aggremiações a que deu o seu valioso concurso, tinham sempre fins altruistas, sendo principalmente as de beneficencia que lhe mereciam particular afeição, a ponto de com ellas desbaratar a pequena fortuna que herdou de seus paes.

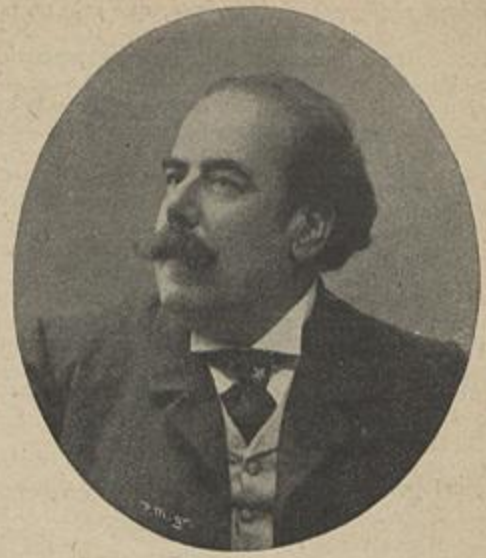
Passou a vida a tratar dos interesses do proximo sem com isso auferir a menor compensação e por isso não será demasiado que o qualifiquemos de benemerito.

Nas sessões do Monte-pio Official, de que era secretario da assembléa geral; do Albergue dos Invalidos do Trabalho; do Mealheiro das Viuvas e Orphãos, de que fôra fundador; do Gremio Popular; da Sociedade Promotora de Asylos, Créches e Escolas; do Asylo Officinas de Santo Antonio; da Associação da Imprensa Portugueza, de que era vogal da junta de conciliação, e em muitas outras, advogou com notavel calor e persistencia a causa dos necessitados, dos desprotegidos da sorte.

Manuel Gonsalves Vivas pretendeu seguir a carreira maritima, tendo para isso frequentado a Escola Naval e chegando mesmo a fazer uma viagem de instrucção, como aspirante de marinha, a bordo da corveta de guerra *Bartholomeu Dias*. Por motivos varios, porém, abandonou essa tentativa, indo matricular-se no Instituto Industrial, onde concluiu o curso superior do commercio. Obtido o respectivo diploma esteve como guarda livros em alguns bancos e companhias, até que foi despachado, mediante concurso, segundo official da Direcção Geral da Contabilidade Publica, logar que ainda exercia á data do fallecimento, estando em serviço no ministerio da guerra.

Foi durante alguns annos delegado do thesouro no districto de Angra do Heroismo, e por occasião da visita aos Açores de Suas Magestades, de quem Vivas era fanatico admirador, o fallecido estadista Hintze Ribeiro desejou conferir lhe a carta de conselho. O nosso biographado, porém, declinou semelhante honra, porque dizia elle, não possuia os meios de fortuna necessarios para poder ostentar com brilhantismo qualquer titulo nobiliarchico.

Collaborou em muitos jornaes, entre os quaes o *Diario de Noticias*, *Illustrado*, *Economista*, *Epoca* e *Gil Braz*, e foi durante muito tempo correspondente em Lisboa da *União* diario angrense.

Gonsalves Vivas, que se conservou sempre solteiro, vivia absolutamente só, recolhendo ao hospital, quando se achava doente, o que tinha feito agora, que a morte o surpreendeu. Era um excentrico, um verdadeiro bohemio sem preoccupações de vestuario, mas possuia um caracter diamantino, uma bella alma sempre propensa ao bem, e, apesar de pobre, era um espirito muito independente, embora d'uma delicadeza sem limites.

Gonsalves Vivas

Eduardo Costa

Toda a vida foi muito modesto e quiz sel-o depois de morto, porque determinou que o seu corpo levasse como mortalha um simples lençol e tivesse por jazida a vala commum. Mas não logrou o seu intento, porque a isso se oppoz sua irmã, que o quiz no tumulo de familia, junto dos seus antecessores. Bem haja!

Fallecido em 13 de dezembro de 1907, o seu funeral foi muito concorrido e á beira da campa proferiram sentidos discursos os srs. Simões d'Almeida pelo Asylo de Santo Antonio, e Antonio Joaquim d'Oliveira pelo Albergue dos Invalidos.

Paz á sua alma.

Pedro Pinto.